

*A Lisboa de Miguel
de Cervantes*



**¡TIERRA, TIERRA!
AUNQUE MEJOR DIRÍA:
¡CIELO, CIELO!**

em português e | y en castellano

EDITADO POR
Maria Fernanda de Abreu

ILUSTRADO POR
Nuño Abreu



*A Lisboa de Miguel
de Cervantes*

¡TIERRA, TIERRA!
AUNQUE MEJOR DIRÍA:
¡CIELO, CIELO!

em português e | y en castellano

Em Comemoração dos 400 anos da
Publicação do livro, no qual Don
Miguel de Cervantes faz o elogio da
famosa Lisboa, episódios de

En conmemoración de los 400 años
de la publicación del libro donde
Don Miguel de Cervantes hace el elogio
de la famosa Lisboa, episodios de

Los trabajos de Persiles y Sigismunda. Historia setentrional

Com tradução e comentários de
Camilo Castelo Branco ao episódio
de Manuel de Sosa Coutinho,
El Enamorado Português

Con traducción y comentarios
de Camilo Castelo Branco al
episodio de Manuel de Sosa Coitinho,
El enamorado portugués



Edições Colibri

LOS TRABAIOS
DE PERSILES, Y
SIGISMUNDA, HISTO-
ria Setentrional.

POR MIGVEL DE CERVANTES
Saaudra.

*DIRIGIDO A DON PEDRO FERNANDEZ DE
Castro Conde de Lemos, de Andrade, de Villalva, Marqués de
Sarría, Gentilhombre de la Cámara de su Magestad, Presiden-
te del Consejo supremo de Italia, Comendador de la
Encomienda de la Zarça, de la Orden
de Alcántara.*

Año



1617

Con priuilegio. En Madrid. Por Iuan de la Cuesta.

A costa de Iuan de Villarruel mercader de libros en la Platería.

Edición princeps (1617)

∞ ÀS LEITORAS E LEITORES AMANTÍSSIMOS

Em 1580, o mesmo ano em que morreu Camões, Miguel de Cervantes, resgatado pelos frades Trinitários do seu cativeiro de cinco anos no norte de África, em Argel, regressou a Espanha, tendo desembarcado em Denia, perto de Valência. Antes de, em setembro de 1575, ser aprisionado por corsários já na costa catalã, tinha viajado pela Itália meridional e participado na batalha de Lepanto. Agora, desde a costa levantina da Península Ibérica, atravessará a península para encontrar-se com a família em Madrid e Alcalá de Henares, onde se diz que nasceu, em 1647.

Teve de procurar sustento. Por isso, pouco depois, para obter alguma «mercê» do rei Felipe II, veio até Lisboa onde este se encontrava. Aqui viveu durante alguns largos meses. Dizem os biógrafos que foi mesmo até Tomar, quando o Rei ali reuniu as Cortes com o objectivo de conseguir alguma missão ou cargo.

Com pouco mais de 30 anos, pois, o nosso escritor – ainda não reconhecido como tal – tinha já experimentado vários mares e muitas terras e gentes. Desde as costas mediterrânicas, de Itália, do norte de África e do levante ibérico, até à costa atlântica de Lisboa, a cidade do *Tejo*. Mas não, ao contrário do que dizem algumas biografias de antanho, Cervantes não foi aos Açores nem andou por lá a matar portugueses...

Depois, como bem sabemos, recolheu impostos por Andaluzia e esteve preso em Sevilha. Inventou um cavaleiro fidalgo e andante com o seu escudeiro Sancho Panza, e quase um milhar

de personagens que se cruzam com aqueles dois. E publicou *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, um livro das suas aventuras em 1605 e outro em 1615. E escreveu mais, muito mais, que nem sempre se recorda: as *Novelas Ejemplares*, muito exemplares e saborosíssimas como as aventuras de Rinconete e Cortadillo por terras andaluzas, as de um velho ciumento por terras da Extremadura (tinha já contado das desgraças dos ciúmes no *Quijote*, ciúmes de um jovem aquela vez, em *El curioso impertinente*), as de uma cigana, conversas entre dois cães... E muito mais. Em verso, contou também à cerca de muitos poetas em *Viaje del Parnaso* e pôs em acções e diálogos muito, muito teatrais – como já o eram em grande parte as conversas entre Dom Quixote e Sancho – outras muitas histórias, entre elas, de guerras e de amores.

Não se esgotou, porém, a sua imaginação e a sua vontade de escrever. E de publicar o que escrevia. E assim, cabe perguntar: foi, então, depois do êxito do *Quijote*, um escritor muito reconhecido?

Deveria tê-lo sido. Mas o certo é que, no início do segundo livro do *Quijote*, o de 1615, ainda antes do prólogo que Cervantes dirige ao Leitor, este se encontra com a «aprovação» do licenciado Márquez Torres, o qual, através de um episódio protagonizado pelo embaixador de França e os cavaleiros franceses que o acompanham, declara que, a 25 de fevereiro de 1615, se viu “obrigado a decir que [Miguel de Cervantes, el autor de este y de otros libros] era viejo, soldado, hidalgo y pobre”. Portanto, já dez anos passados da publicação do *Quijote* e de traduções deste em França e em Inglaterra, e de outros livros, e reconhecida a sua fama dentro e fora de Espanha. Apesar disso, pois, Cervantes é (está) *pobre*. E na justificação que o dito licenciado se vê obrigado a dar, pelo “lisonjeiro elogio” que faz ao escritor, reforça a ideia da pobreza daquele: trata-se de alguém, diz, que “no tiene con qué cebar el pico del adulador”. Perante isto, um dos franceses reage: “¿Pues a tal hombre no le tiene España muy rico y sustentado del